

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

A TEMÁTICA DA REPÚBLICA EM QUESTÃO

A crônica da série *Bons dias!* e seus efeitos

Luciana Tavares Borges¹

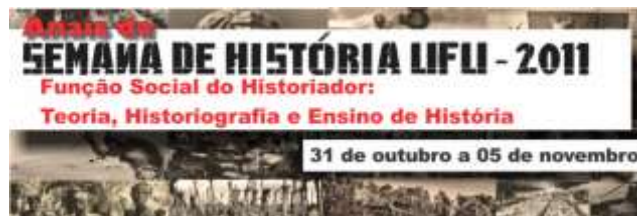
Resumo: O cerne dessa comunicação visa discutir a temática da República nas crônicas da série *Bons dias!* escritas pelo literato carioca Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) no jornal *Gazeta de Notícias* entre 1888 a 1889. Para este exame, selecionamos a crônica datada de 27 de maio de 1888 em que o narrador Policarpo comenta sobre a expedição da marinha imperial para resgatar um meteorito que caiu no interior da Bahia no final do século XVIII. Tal acontecimento ocasionou algumas alterações entre lideranças políticas locais, que não autorizaram a transferência do objeto para o Rio de Janeiro. Dessa forma, nesta crônica é nítida a disputa pela autonomia política no Brasil oitocentista, porém não nos deteremos sobre isso. A nossa preocupação versa sobre os argumentos (*ethos*) construídos pelo narrador na disposição do seu texto e os seus efeitos produzidos para o seu público. Qual o valor ético e pedagógico da crônica? Como o narrador (orador) produz no seu auditório os estados emotivos (*pathos*) sobre a narração proposta? Neste sentido buscaremos o diálogo teórico com a obra *Arte Retórica* do filósofo grego Aristóteles, visto que esta propicia uma contribuição significativa, para compreensão dos objetivos aqui delineados. Discutiremos a princípio o conceito de *ethos* na acepção aristotélica e em seguida iremos empregá-lo metodologicamente no exame da crônica machadiana (série *Bons Dias!* - 27 de maio de 1888) ressaltando a perspectiva formal do texto, situando o seu ato de criação e concomitante os seus efeitos construídos para ensinar o seu público.

Palavras-chave: Crônica. Retórica. República

1-Introdução

A retórica não pertence a um gênero particular e definido, mas assemelha à Dialética (...). Seu fim não é persuadir, mas ensinar o possível.
²(ARISTÓTELES, 1980, p.37)

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em História Social (Mestrado) da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da professora Dra. Regma Maria dos Santos. Quero ressaltar que este texto fez parte da avaliação final da disciplina Estudos Alternativos em Política e Imaginário do curso de Mestrado em História Social sob a orientação do Prof. Dr^o Guilherme Amaral Luz.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

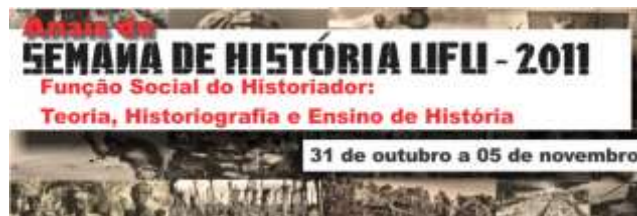
Ao propor um modelo heurístico para a retórica, Aristóteles (384-322) filósofo grego, demonstrou com sua proposição uma análise divergente da concepção isocrática de reduzir aquela apenas à “arte da persuasão e da arte do viver social”³ (PLEBE, 1978, p.35.). Ávido de conhecimento, o natural de Estagira, pontua que a retórica não é suasória, visto que a mesma se processa pelas vias afetivas e conjecturais, que o orador empreende no intuito de *docere* (ensinar) seu auditório específico, sobretudo através de uma boa argumentação.

Dessa forma, esses princípios urdidos pela preleção aristotélica visam, segundo a interpretação de Armando Plebe⁴ (PLEBE, 1978, p.42), uma caracterização emocional da retórica, pois o orador ao verberar com seu ouvinte deve provocar neste paixões (cólera, compaixão, temor, etc.) estimuladas pela constituição do seu *ethos* (caráter). Neste sentido, a retórica não seria apenas demonstrativa, mas também teria função psicagógica de seduzir a alma⁵ (PLEBE, 1978, p.43).

Ao tratar de sentimentos morais (*ethos e pathos*) nos seus escritos, Aristóteles inaugura uma obra seminal (*Arte Retórica*) que será *a posteriori*, ao lado de outros “compêndios”, objeto de vários estudos. Este trabalho, que por ora apresentamos como avaliação final da disciplina: “Estudos Alternativos em Política e Imaginário”⁶ não tem a pretensão de se debruçar numa análise mais profícua e sistemática da mesma. O objetivo deste se expressa na possibilidade de articular a teoria retórica à História.

Considerando essa perspectiva de análise na historiografia, salientamos que este *paper* não se propõe a “forçar” uma aplicação de um conceito denotado nos princípios retóricos ao nosso objeto de pesquisa. Buscamos, dessa forma apresentar outras alternativas possíveis de abordagem no procedimento da escrita da história. Recorremos, portanto a um exame mais atento à forma (estilo e sentido do texto) composta do documento, tencionando a discussão para o efeito, que este se propôs ou tentou a produzir no seu auditório, evitando assim uma observação puramente “conteudística” do mesmo⁷ (Pécora, 2001, p11-16).

⁶ A disciplina Estudos Alternativos em Política e Imaginário é ofertada pela linha de pesquisa, Política e Imaginário, que está vinculada ao Programa de Pós-graduação em História Social (mestrado) do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. No 1º semestre de 2010 a mesma foi ministrada pelo Prof. Drº Guilherme Amaral Luz.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Neste sentido, elegemos uma crônica da série *Bons dias!*⁸(ASSIS, 2008) escrita pelo literato brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) no período de 1888 a 1889 no jornal carioca *Gazeta de Notícias* como instrumento operacional do nosso exercício de reflexão. A crônica selecionada é datada de 27 de maio de 1888 em que mais uma vez a tópica sobre a República é discorrida pelo narrador arдил⁹ machadiano, Policarpo.

Ao optar por esta crônica não temos a intenção de auferir a Machado de Assis a sua predileção política (monarquista ou republicano)¹⁰, a nossa preocupação visa problematizar o efeito discursivo apregoado pelo escritor neste texto. Para obtenção deste propósito, observaremos as tarefas empreendidas pelo literato no tocante à invenção, seus argumentos construídos e conseqüentemente a constituição do seu *ethos*. O que ele pretendia com a disposição deste documento? Quais os sentimentos (*pathos*) que o mesmo queria provocar no seu auditório?

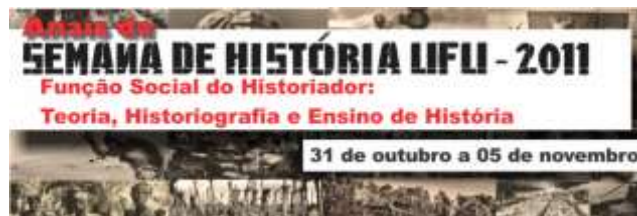
Neste sentido buscaremos o diálogo teórico com a obra anteriormente citada *Arte Retórica*, visto que esta propicia uma contribuição significativa, para compreensão dos objetivos aqui delineados. Discutiremos a princípio o conceito de *ethos* na acepção aristotélica e em seguida iremos empregá-lo metodologicamente no exame da crônica machadiana (série *Bons Dias!* - 27 de maio de 1888) ressaltando a perspectiva formal do texto, situando o seu ato de criação e concomitante os seus efeitos construídos para ensinar o seu público.

2 - O *Ethos* aristotélico

A virtude, segundo parece, é a faculdade que permite adquirir e guardar bens, ou ainda a faculdade que nos põe em condições de prestar muitos e

⁹ Para uma análise mais densa sobre a postura arдил e do embuste narrativo nas últimas obras de Machado de Assis, sugiro a obra da autora: Betella, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A Semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

¹⁰ Para o crítico literário inglês John Gledson, Machado de Assis tinha evidências monarquistas, por outro lado, diversos estudiosos sobre o autor preferem utilizar a cautela como forma de tratar esta questão. Eu sigo a orientação destes, pois uma das características mais marcantes na obra machadiana é o ceticismo apurado sobre todos os assuntos e sustentar uma tese, que o escritor tinha afeição por um regime político em detrimento de outro, é uma responsabilidade que eu não assumo.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

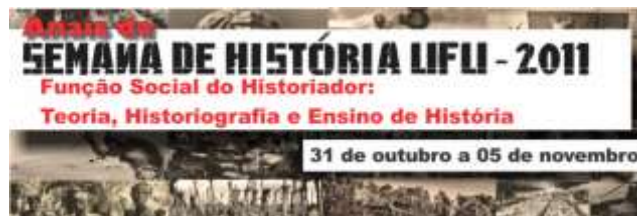
*relevantes serviços, serviços de toda a sorte em todos os domínios.*¹¹
(ARISTÓTELES, 1980, p.75)

Na introdução deste trabalho foi salientado o mérito da obra de Aristóteles em atribuir ao sistema retórico uma característica emocional na sua configuração. Ao denominar as paixões na *Arte Retórica* o filósofo procurou instituir a esse método uma confiança nos discursos apregoados pelo orador, visto que, [...] *para a credibilidade do orador não é suficiente uma retórica demonstrativa, mas é necessária também uma retórica emocional, que vise a tornar digno de fé o orador não só por sua atitude, como por seus argumentos.*¹² (PLEBE, 1978, p.42.)

Os argumentos colocados pelo orador constituirão um dos pressupostos fundamentais para averiguação das qualidades das provas empregadas pela retórica, pois estas segundo a preleção aristotélica são nomeadas em três espécies distintas: *no caráter moral do orador, nas disposições que se criaram no ouvinte e no próprio discurso que aquele demonstra*".¹³ (ARISTÓTELES, 1980, p.42).

Nota-se por esses excertos que o natural de Estagira considerava o *ethos* como elemento principal da retórica, pois para ele não somente importaria a postura dialética do orador, mas este *deve possuir a capacidade de suscitar paixões no ouvinte*¹⁴ (Plebe, 1978, p.42). Desse modo é necessário que o mesmo desperte no seu público sentimentos de valor (compaixão) ou de adversidade (cólera, raiva). Tal técnica assinala uma projeção da catarse poética que,

(...) realiza uma função esclarecedora, projetando sobre coisas acontecidas a luz da possibilidade universal, assim também, no âmbito da demonstração retórica, ilumina de modo não diferente as paixões humanas à luz do silogismo retórico ou entimema¹⁵. (Plebe, 1978, p.45)



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

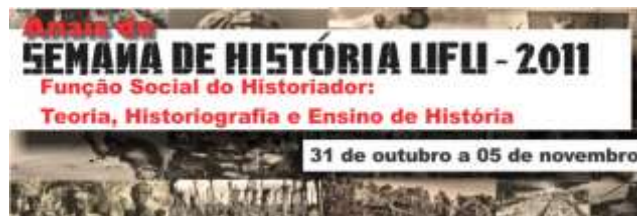
Na análise peremptória de Plebe percebemos que este pontua a simbiose engendrada por Aristóteles em atribuir à retórica e as paixões duas premissas fundamentais para a realização do objetivo do orador: ensinar. Dessa forma, o *ethos* ornado por aquele que discursa tem que se aplicar de acordo com o seu público, pois nada adianta uma verberação em que às virtudes daquele são ressaltadas, se antes, porém, não levar em *conta a idade, a competência, o nível social* daqueles.¹⁶ (REBOUL, 2000, p.48).

Considerando esses pressupostos, observamos que os escritos aristotélicos, apregoam uma revisitação do próprio método retórico, que anteriormente era concebido apenas como uma prática de persuasão. Com o surgimento de a *Arte Retórica* o mesmo, passa a ter uma função propedêutica de levar ao seu auditório ensinamentos sobre determinado assunto.

Neste sentido, o objetivo da preleção aristotélica não se resume apenas em ressaltar a indução como atributo fundamental para o êxito do discurso, este *apriori* deve estar imbuído de elementos emocionais: *ethos* e *pathos*. O primeiro resume o caráter (empreendido pelo orador na disposição de seus argumentos), o segundo explicita os sentimentos captados pelo auditório, após apresentação do expositor.

Dessa forma, ao tornar o seu ouvinte dócil e benevolente, o orador aristotélico, procura instituir aos seus públicos efeitos emocionais, que são delineados a partir dos objetivos alvejados por aquele. No entanto, este precisa se ancorar numa psicologia¹⁷ (REBOUL, 2000, p.48) prudente, pois ao encarar diferentes auditórios, o mesmo deve adaptar o seu discurso, para que o propósito dos seus argumentos sejam compreendidos por aqueles.

Ao urdir essa nova possibilidade de método aplicada à retórica, Aristóteles inovou nos paradigmas já traçados na argumentação clássica.¹⁸ (PSEUDO CÍCERO, 2005, p.17-33) Diante dessa renovação, buscarei com este autor um diálogo aproximativo com o meu objeto de pesquisa, destacando através da crônica machadiana selecionada a construção dos argumentos do orador (narrador) e conseqüentemente o seu valor ético e pontuar os estados emotivos que aquele se propôs produzir no seu público. Espero ter êxito nessa empreitada e desde já agradeço a compreensão do leitor.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

3- A temática da República em questão: a crônica da série *Bons dias!* e seus efeitos.

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias¹⁹. (ASSIS, 2008, p.79)

Ao saudar o leitor de forma irreverente²⁰, o narrador Policarpo²¹ da série *Bons dias!* vai discorrer nessa produção sobre vários assuntos com seu público. Escrita no período de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, esta série contempla temáticas políticas, culturais e sociais do Brasil oitocentista. Neste sentido, não pretendemos atribuir a esta obra uma visão dos acontecimentos da época assinalada, mas situar o recorte que a mesma foi concebida e suas características para o conhecimento do atual leitor.

As crônicas da série *Bons dias!* não foram as primeiras escritas por Machado de Assis. Considera-se que o mesmo enveredou por este caminho a partir da década de 1860 e conciliou juntamente com outras obras de sua autoria²², por este gênero²³ até 1897²⁴. Estima-se que o mesmo produziu mais de 600 crônicas, sempre nomeando as mesmas em série e atribuindo ao narrador um pseudônimo ou assinando aquelas apenas com as suas iniciais.²⁵

²⁰ Cf. BETELLA, Gabriela K. Introdução: A estética Machadiana do “Tapa e do Agrado”. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons dias! e A Semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007, p.21-56.

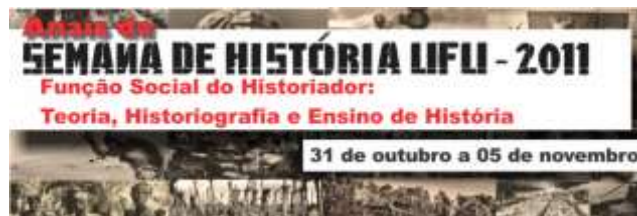
²¹ Há uma discussão entre o crítico literário inglês John Gledson e o historiador brasileiro Sidney Chalhoub sobre o verdadeiro nome do narrador das crônicas *Bons dias!* O primeiro atribui ser *Boas Noites*, (pseudônimo) já que esta é uma saudação final de todas as crônicas da série, o segundo nomeia Policarpo, pois o autor apresenta a identidade daquele na crônica de 1º de junho de 1888. Confesso que não entrarei no mérito dessa alteração, mas asseguro que compartilho pelo menos até então da visão de Chalhoub.

²² Além das crônicas, Machado de Assis publicou nove romances, contos, poesias e peças de teatro.

²³ As primeiras crônicas brasileiras escritas em jornais foram publicadas a partir de 1830, quando o espaço destinado às variedades (folhetim) se consolidou no formato do periódico.

²⁴ Exceto duas que foram publicadas no ano de 1900, no Jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

²⁵ Para um melhor aprofundamento dessa questão sugiro; GUINDIN, Márcia; GRANJA, Lúcia e RICIÉRE, Francine (Orgs.) *Machado de Assis ensaios sobre a crítica contemporânea*. São Paulo: EDUSP, 2008.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

A crônica como objeto de estudo vem ocupando nos últimos anos um destaque profícuo na produção acadêmica.²⁶ Este trabalho, por ora não tem a pretensão de tratar com mais densidade sobre essa questão (seguramente na dissertação a mesma terá um foco especial), visto que tal debate apenas tornaria o texto enfadonho. Esta breve introdução apenas foi inserida para situar ao leitor sobre o nosso objeto de pesquisa.

O cerne do mesmo visa discutir a temática da República nas crônicas da série *Bons dias!*, já que aquela aparece 17 vezes no conjunto da obra. Para este exame, selecionamos a crônica datada de 27 de maio de 1888 em que o narrador Policarpo, comenta sobre a expedição da marinha imperial para resgatar um meteorito que caiu no interior da Bahia no final do século XVIII e levá-lo até o Rio de Janeiro, mas que foi questionada por um grupo de vereadores de Salvador (capital da província da Bahia), que queriam que o mesmo permanecesse ali.

Nesta crônica é nítida a disputa por autonomia política no Brasil oitocentista, porém não nos deteremos sobre isso. A nossa preocupação versa sobre os argumentos (*ethos*) construídos pelo narrador na disposição do seu texto e os seus efeitos produzidos para o seu público. Qual o valor ético e pedagógico da crônica? Como o narrador (orador) produz no seu auditório os estados emotivos (*pathos*) sobre a narração proposta?

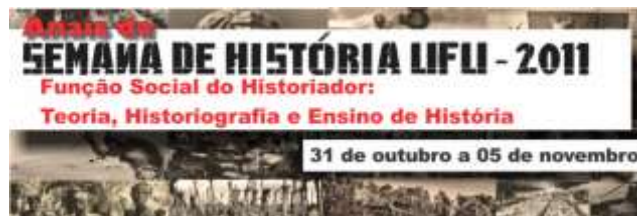
No próximo item debateremos essas questões, à luz da concepção aristotélica de imbuir ao sistema retórico o componente dos sentimentos na sua metodologia. Salientamos que selecionamos alguns trechos da crônica, para tal procedimento e esperamos poder contribuir para uma análise mais seminal desta perspectiva.

3.1 - O narrador e seu *ethos*

27 de maio de 1888

Bons dias!

²⁶ Cf. SANTOS, Regma Maria dos. História e cotidiano na trama literária: estudos sobre a crônica. *Imagens do Brasil disseminadas em prosa e verso: histórias sem data, lugares à margem*. ARAUJO, Joana Muylaert de. e ARANTES, Luiz Humberto M. (Orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 189-206.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

*Cumpr não perder de vista o meteorólito de Bendegó. Enquanto toda a nação bailava e cantava, delirante de prazer pela grande lei da abolição, o meteorólito de Bendegó vinha andando, vagaroso, silencioso e científico, ao lado do Carvalho.*²⁷

Analisamos a princípio, o gênero textual do discurso: a crônica, que tem no seu exórdio, (orador/narrador) a preocupação de tornar o seu auditório atento para os acontecimentos distantes da euforia do momento. Dessa forma, enquanto a população bradava a princesa Isabel (1846-1921) pela assinatura da abolição da escravatura (13 de maio de 1888), outros interesses internos estavam sendo externados.

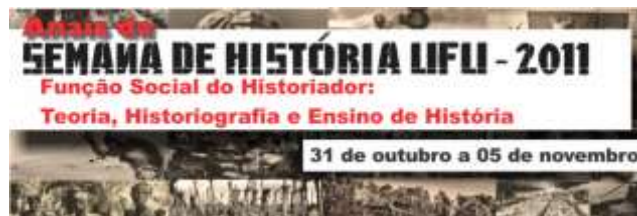
— *Carvalho, dizia ele provavelmente ao companheiro de jornada, que rumores são estes ao longe?*

E ouvindo a explicação, não retorquira nada, e pode ser até que sorrisse, pois é natural que nas regiões donde veio, tivesse testemunhado muitos cativeiros e muitas abolições...

Observamos nessa passagem, a junção das provas extrínsecas (a captura do meteoro no interior da Bahia e a promulgação da abolição), correlatas com as provas intrínsecas criadas pelo orador/narrador, pois ao denotar o diálogo de Carvalho (comandante José Carlos de Carvalho (1847-1922) chefe da expedição e membro da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.)²⁸ (ASSIS, 2008, p.122), percebe-se o desconhecimento daquele sobre a abolição (*que rumores são estes...*) Dessa forma, vemos que o narrador procure estimular no seu leitor uma reflexão sobre a eficácia da lei áurea, será que a promulgação da mesma atenuaria a condição do negro, já que para o comandante Carvalho aquela prática era corrente (*nas regiões donde veio, tivesse testemunhado muitos cativeiros e muitas abolições...*).

Neste sentido, assentamos que estes argumentos dispostos pelo narrador visam denotar no seu público um sentimento de *temor* sobre aquele acontecimento e os seus possíveis desdobramentos políticos. Mais adiante na crônica ao relatar sobre a divergência de alguns vereadores de Salvador (capital da província da Bahia) que queriam embargar a ida do meteoro para a capital do império, o narrador/orador apresenta a seguinte exposição:

²⁷ Retirei esta crônica do livro organizado por John Gledson e mantive por coerência a sua ortografia.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

(...) *O debate foi afinal resumido e o voto da maioria contrário ao embargo; apenas dois vereadores votaram por este...*

E o meteorólito foi chegando, vagaroso, silencioso, científico, ao lado do Carvalho.

— *Carvalho disse ele, os que não quiseram embargar a minha saída são uns homens cruéis. Mas por que é que aqueles dois votaram pelo embargo?*

— *Questão de federalismo...*

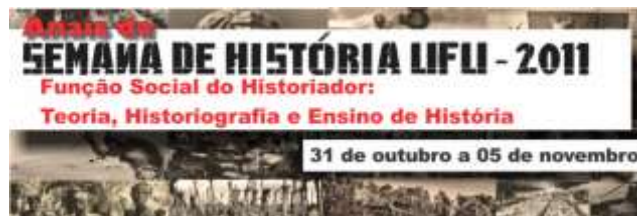
No final do século XIX as estruturas simbólicas da monarquia estavam sofrendo vários abalos. A escravidão não poderia mais perpetuar, os privilégios senhoriais estavam impelindo outros setores sociais de se adentrar no jogo político e principalmente havia no país uma forte campanha para o estabelecimento do regime federalista. O mesmo parecia distante dos projetos da casa de Bragança, porém não dos republicanos.²⁹

Notamos que na passagem descrita anteriormente, o narrador busca através da sua convicção (lugar ético), denotar para o seu leitor (auditório) o que estava em questão naquele episódio não era seguramente o lugar de pertencimento do meteoro, mas sim os interesses de grupos políticos.

Dessa forma, salientamos a eficácia das provas empreendidas pelo orador para construção dos seus argumentos, pois *o caráter moral deste constitui por assim dizer, a prova determinante por excelência*³⁰ (ARISTÓTELES, 1980, p.43). Neste sentido, o orador buscou imbuir no seu leitor uma confiança na sua exposição, pois ao tratar de questões tênues (abolição e república) o mesmo demonstrou que ambas apresentam discrepâncias nas suas proposições, visto que o negro permaneceria à margem da sociedade mesmo vivendo em liberdade e que o advento da república não traria fim às relações oligárquicas, já que o meteoro vinha *chegando, vagaroso, silencioso, científico*.

A serenidade (lugar ético) do orador/narrador foi preponderante para o efeito aplicado ao ouvinte. Percebemos que o mesmo se apoiou em fatos verídicos (provas extrínsecas) e situações engendradas pelo mesmo (provas intrínsecas) com o intuito de provocar no auditório um sentimento de temor (*pathos*) em relação àqueles fatos.

²⁹ Cf. MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/EDUR, 2007.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Neste sentido, vimos que a ironia empregada no fragmento *o meteorólito foi chegando, vagaroso, silencioso, científico*, exemplifica a constituição do caráter (*ethos*) do orador, pois o mesmo ao tratar de um lugar-comum (política) na constituição da crônica instiga para seu público um receio (efeitos) sobre possíveis situações vindouras (principalmente o advento da república).

Ao provocar no seu auditório este sentimento de *temor* por meio dessa crônica, pontuamos que o discurso ornado pelo orador/narrador disposto na mesma, se enquadra nos preceitos aristotélicos. Isso se justifica principalmente ao lugar ético em que o orador se coloca (sereno e convicto de suas proposições), pois através deste procedimento, o mesmo conquista a confiança de seu auditório e desperta nos mesmos paixões sobre determinada tópica.

Essa possibilidade de examinar um objeto de estudo na historiografia pelo método retórico, especificamente o aristotélico (psicológico - *ethos e pathos*) nos remete para uma discussão que a partir do decênio de 1990 voltou a ser revisionada nos debates acadêmicos: a volta da narrativa³¹. Se esta questão ainda suscita certa polêmica é porque a história como disse o pesquisador francês Paul Veyne, *não tem método*³², porém saliento que ao olhar para o documento por uma perspectiva estilística, formal do texto, este nos permite averiguar efeitos discursivos antes negligenciados, por isso devemos respeitar esse sistema de análise, para que a história não se transforme numa pura prática ortodoxa.

4- Bibliografia

ARISTÓTELES, *Arte Retórica*. Tradução Antônio P. de Carval. São Paulo: Edições de Ouro, 1980.

ASSIS, J.M. Machado de *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008[crônica 27 de maio de 1888, p.119-121.]

BETELLA, Gabriela K. Introdução: A estética Machadiana do “Tapa e do Agrado”. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esauí e*

³¹ Cf. LUZ, Guilherme Amaral. A insubordinação da história à retórica: manifesto transdisciplinar. *ArtCultura*, n.9, Uberlândia: EDUFU, 2004, p.102-110.

³² Cf. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1983.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (*Bons dias! e A Semana*). São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

PÉCORA, Alcir. À guisa de manifesto. *Máquina de Gêneros*: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefocauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage. São Paulo: Edusp, 2001, p.11-16.

PLEBE, Armando. *Breve História da Retórica Antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.

REBOUL, O. O sistema retórico. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.